

Comentários sobre a caminhada nº. 1

Janice Gonçalves¹
Willian Tadeu M. J. Leite²

O roteiro proposto para a caminhada passa por alguns pontos da região central de Florianópolis. Partindo do Largo da Alfândega, seguiremos em direção ao Mercado Público e às construções remanescentes dos tempos de maior representatividade da empresa Hoepcke no cenário econômico estadual, encerrando o trajeto no monumento a Rita Maria.

Os pontos que serão visitados permitem reflexões peculiares acerca das transformações urbanas de Florianópolis e das relações entre patrimônio edificado, memória e identidade. Boa caminhada!



1. IPHAN (antiga Alfândega) e Monumento às rendeiras.
2. Mercado Público.
3. Construções remanescentes da empresa Hoepcke.
4. Parque da Luz.
5. Monumento a Hercílio Luz e Belvedere.
6. Forte Santana e Museu de Armas Lara Ribas.
7. Monumento a Rita Maria.

¹ Docente do Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED (UDESC); coordenadora do programa de extensão “Matéria e memória: artes do patrimônio cultural”, do qual faz parte o projeto de extensão “No fio da memória: caminhadas de registro fotográfico”.

² Graduando em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED (UDESC); bolsista do programa de extensão “Matéria e memória: artes do patrimônio cultural”, projeto de extensão “A aventura do documento”.

Sobre os pontos do percurso:

1. IPHAN e Monumento às rendeiras (Largo da Alfândega)

Nosso ponto de partida é a construção que atualmente abriga a 11ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O edifício foi inaugurado em 1876. Sua finalidade inicial era abrigar a Alfândega de Desterro, cuja sede anterior, na esquina da Rua Conselheiro Mafra com a Praça XV de Novembro, desabara em 1866. A Alfândega vistoriava bagagens e mercadorias em trânsito no porto, bem como cobrava direitos de entrada e saída. Com outros portos catarinenses apresentando melhores condições naturais e tecnológicas, as atividades diminuíram até o fechamento do porto de Florianópolis e a conseqüente desativação da alfândega, em 1964. A edificação é de propriedade do Governo do Estado de Santa Catarina e foi tombada em nível federal em 1975, passando por sua primeira restauração entre 1977 e 1979.

Em frente à antiga alfândega está o Monumento às Rendeiras, que integrou projeto de reurbanização realizado pela Prefeitura de Florianópolis no Largo da Alfândega. Refere-se à arte da renda de bilros, uma das manifestações culturais costumeiramente associadas às tradições herdadas dos colonos açorianos que emigraram para Santa Catarina no século XVIII.

De elaboração delicada e minuciosa, a renda de bilros é geralmente confeccionada por mulheres (daí a referência às “rendeiras”). A base sobre a qual trabalha a rendeira é uma almofada, onde costuma ser colocado o cartão com o desenho a ser realizado; com a ajuda de alfinetes, a rendeira trança os fios de linha presos em pequenas hastes de madeira (os bilros). No monumento, são os bilros que estão em destaque.

2. Mercado Público

Em 1896, após 45 anos de funcionamento, o primeiro mercado público de Florianópolis foi demolido. Para substituí-lo, foi erguido o Mercado Público atual. Em 1899, foi inaugurada a primeira ala. Em 1915, foram construídos, sobre um aterro, a segunda ala, o vão central, as torres e as pontes que as interligam. Em 2005, um incêndio atingiu a primeira ala, cujo interior teve que ser completamente reconstruído, mantendo-se somente a fachada.

A edificação abriga atualmente diversas lojas de roupas, alimentos, artesanato e diversos utensílios, além de bares que tornaram o vão central um ponto de encontro, palco para *shows* e manifestações populares.

3. Construções remanescentes da empresa Hoepcke

Trata-se de edificações que originalmente abrigaram alguns segmentos dos negócios de Carl Hoepcke (1844-1924). Com atuação bastante diversificada, o empresário alemão iniciou suas atividades em Florianópolis como sócio de uma casa comercial. Em seguida, partiu para o comércio atacadista e varejista, exportação e importação. Posteriormente, ampliou suas atividades para uma Companhia de Navegação, um estaleiro (o Arataca) e algumas fábricas, lançando filiais de seus negócios em cidades como Blumenau e Lages.

A área das construções remanescentes foi ocupada pela Fábrica de Pontas “Rita Maria” (inaugurada em 1896), a Fábrica de Gelo (criada para abastecer seus navios e logo em seguida fornecendo o produto para diversas atividades na região) e a Fábrica de Rendas e Bordados. À época, as fábricas tinham localização estratégica, dada a proximidade do porto.

Subindo a Rua Hoepcke (rumo à edificação da antiga Fábrica de Rendas e Bordados), podem ser encontradas casas geminadas que formaram uma “vila operária”, pois foram ocupadas por operários das antigas unidades fabris da localidade.

4. Parque da Luz

No Brasil, até a primeira metade do século XIX os sepultamentos católicos ocorriam dentro de igrejas (paredes, assoalhos etc.) ou em seus arredores. Com a emergência de discursos higienistas, essas práticas passaram a ser consideradas impróprias. Alguns locais foram então escolhidos para receber os chamados “cemitérios extra-muros”, fora das igrejas, geralmente

geridos pelo poder público. Na antiga Desterro, atual Florianópolis, o Cemitério Público foi inaugurado em 1841, na região da atual cabeceira continental da Ponte Hercílio Luz.

No fim do século XIX, novas idéias de higienização ascendem. Os espaços urbanos passam por “limpezas”, para sanear ou invisibilizar aquilo que era considerado “feio” ou “sujo”. As mudanças, que no Brasil começaram em grandes centros urbanos (como o “bota-abaixo”, no Rio de Janeiro), logo chegaram a Florianópolis, através de iniciativas como a canalização do Rio da Bulha e a construção da “Avenida do Saneamento” (Avenida Hercílio Luz).

Nesse contexto, o cemitério na entrada da cidade incomodava. A visão (considerada desagradável para os visitantes) e o mau cheiro espalhado pelos ventos nordeste e sudoeste eram os principais argumentos na defesa da transferência dos mortos para outro local. Com a construção da Ponte Hercílio Luz, o cemitério atrapalharia a abertura de suas vias de acesso e aumentaria a “má impressão” na entrada da cidade. Com isso, o cemitério foi transferido entre 1923 e 1926. A maioria dos corpos foi transferida para o Cemitério do Itacorubi. Há documentação pública indicando que nem todos os restos mortais foram retirados do local, que hoje abriga o Parque da Luz, uma “área verde” no Centro.

5. Monumento a Hercílio Luz e Belvedere

Engenheiro civil formado na Bélgica após passagem pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Hercílio Luz teve profundo envolvimento com a Revolução Federalista (1893). Foi, por três vezes, governador (1894-1898, 1918-1922, 1922-1924), além de senador (1900-1918), conselheiro da Câmara Municipal e presidente do Conselho Municipal. Dividiu, com Lauro Müller, a liderança política catarinense nas primeiras décadas republicanas.

Seu nome ficou associado, na capital, a obras de remodelação urbana e saneamento. Entre elas, encontram-se a canalização do Rio da Bulha, na área central (que daria origem à “Avenida do Saneamento”) e a construção da ponte pênsil ligando o continente e a ilha de Santa Catarina. Tendo falecido na metade de seu último mandato como governador, em 1924, Hercílio Luz viu apenas uma dessas duas obras concluídas (a avenida, em 1922, pois a ponte foi entregue em 1926). Seu nome seria atribuído a ambas as obras.

Na base do Monumento a Hercílio Luz, há a seguinte inscrição: “A Hercílio Luz, no centenário do seu nascimento, homenagem do povo de Santa Catarina e do governador Heriberto Hülse / 1860 - 29 de maio - 1960”. O monumento e o belvedere foram inaugurados no mesmo dia. Localizado na cabeceira insular da ponte pênsil, o belvedere proporciona bela vista panorâmica do centro da cidade.

6. Forte de Santana e Museu de Armas Lara Ribas; Ponte Hercílio Luz

O sistema de defesa da ilha de Santa Catarina contava, originalmente, com oito fortalezas. Sua construção, na segunda metade do século XVIII, ocorreu pelo fato de a ilha ser considerada, pelo Estado português, um ponto estratégico para a defesa do sul do Brasil.

O Forte de Santana foi construído a partir de 1761, sendo o único que teve seus canhões utilizados por força militar, em 1893, durante a chamada Revolução Federalista.

Ao lado do forte fica o Museu de Armas Lara Ribas, organizado pela Polícia Militar do Estado. O acervo deste museu tem sua origem no período da Segunda Guerra Mundial (1938-45), quando armas foram apreendidas pelo Departamento de Ordem Política e Social - DOPS e, posteriormente, doadas à Força Pública (atual Polícia Militar). O museu foi organizado em 1949, no interior da corporação, passando a funcionar no Forte de Santana em 1975 e, dez anos mais tarde, na sede atual, anexa ao forte. A partir de então, o acervo cresceu e foi reorganizado. Além de armas, conta atualmente com réplicas de fardamentos, insígnias e outros objetos, além de fotografias.

Muito próxima ao Forte Santana está a Ponte Hercílio Luz. Até 1926, quando a ponte foi inaugurada, os cerca de 40 mil habitantes de Florianópolis dependiam de balsas para realizar a travessia entre a porção insular e a porção continental do município. O nome da obra seria Ponte da Independência – “refletindo” o fim dessa dificuldade – mas foi alterado após a morte do governador que idealizou a construção. Hercílio Luz não viu a inauguração da ponte, mas participou de ato simbólico de inauguração de uma ponte pênsil de madeira especialmente erguida na Praça XV de Novembro, 12 dias antes de sua morte.

Projetada por engenheiros dos Estados Unidos e construída com materiais importados de lá, a Ponte Hercílio Luz está localizada no ponto mais próximo entre a ilha e o continente (pouco mais de 400 metros). Foi fechada em 1982 por medida de segurança. Desde então, serve apenas de cartão postal, tendo relevante significado para a população. Encontra-se protegida por tombamento municipal (desde 1992), estadual e federal (os dois últimos desde 1997).

7. Monumento a Rita Maria

Escultura construída a partir de sucata de ferro, criada por Paulo de Siqueira (1949-1996). Representa Rita Maria, afrodescendente filha de escravos que morava nos arredores do Forte de Santana. Ganhou fama entre o fim do século XIX e início do século XX, devido ao conhecimento de ervas medicinais e à realização de benzeduras. A região em que morava se transformou em bairro, que ganhou seu nome.

Na escultura, Rita Maria aparece realizando uma benzedura. A posição das mãos foi pensada para essa representação: uma delas capta os poderes curativos e a outra é direcionada para o benzido.

Referências

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro – v.1: Notícia**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz um cemitério**: a transferência do cemitério público de Florianópolis, 1923-1926. Florianópolis, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). UDESC.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História de Florianópolis – Ilustrada**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

GONÇALVES, Janice, MOREIRA Jr., Hélio, GEROLETI, Luciana. **Arte, História e Cidade**: percursos florianopolitanos. Florianópolis: Fundação Hassis. [no prelo].

SOUZA, Alcídio Mafra de. **Guia de bens tombados - Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis**: memória urbana. 2 ed. rev. ampl. Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2008.